

ELOGIO FUNEBRE

DE

CARLOS INFANTE DE LACERDA

Barão de Sabroso.



LONDRES:

IMPRESSO POR R. GREENLAW, 39, CHICHESTER PLACE,
KING'S CROSS.

—
1830.



~~COMPRA~~
204964

~~H.G.~~
~~26028~~



Elogio Funebre

DE

CARLOS INFANTE DE LACERDA, BARÃO DE SABROZO.

Carlos Infante de Lacerda, primeiro barão de Sabrozo, nasceu em Lisboa aos 18 de Dezembro de 1795; foram seus pais João Infante de Lacerda, e D. Felicia de Souza Tavares, ambos de conhecida e distinta linhagem. Apenas sahido da infancia, determinou seguir a nobre carreira das armas, para a qual lhe dava então glorioso campo a guerra da Peninsula, em que o valor da mocidade portugueza triumphou dos mais aguerridos exercitos que ainda víra o mundo. No anno de 1810, e contando só quinze de idade, sentou praça no regimento de cavalleria No. 4, e n'elle serviu durante o resto da guerra, estimado de superiores e inferiores por seu valor na peleja, sua regularidade na disciplina, e pela urbanidade e elegancia de seus costumes bemquisto de todos.

Gloriosamente terminada a guerra da Peninsula e a da independencia da Europa, voltou á patria; mas não lhe soffria o ânimo impaciente de fama, e devorado de nobre ambição, o socêgo e tranquillidade da paz. Não tardou a offerecer-se nova occasião de adquirir glória a quem tanto a desejava. A corte do Rio de Janeiro, por motivos que não é para aqui examinar, assentou de fazer guerra ás sublevadas colônias hepanholas que entestavam com os limites do Sul do Brazil. Formou-se em Lisboa uma divisão escolhida de todas as armas para este fim, na qual se allistaram a flor dos jovens officiaes portuguezes. Com estes foi Carlos Infante de Lacerda ja então capitão. Começou a guerra de Buenos-Ayres, em que a bravura e disciplina das tropas portuguezas mais teve que lutar com a aspereza do clima e rudeza do terreno, do que com inimigos que fossem dignos da espada que vencera as legiões de Bonaparte. Quasi toda essa guerra constou de escaramuças com guerrilhas. Uma acção consideravel appareceu porém, em que o valor e disciplina europea se mostraram o que eram e valiam. Esta foi a

chamada da *India-morta*: e aqui mostrou tambem o nosso joven official a bravura e talento militar que o distinguiam. Ahi foi promovido no campo de batalha ao pôsto de major. Os extraordinarios successos que restituiram D. João VI á sua antiga côte da Europa, o trouxeram tambem á patria, depois de quasi sette annos de ausencia. Involvido no tropel das revoluções, que desde então teem agitado a nossa infeliz patria, conhecido por seus leaes, moderados, mas firmes principios, elle mereceu emfim a D. Miguel as honras da proscripção, com a qual no memoravel dia 30 de Abril de 1824 lhe deu mais um titulo de glória. Seu honrado proceder n'esta occasião, não so dos naturaes mas tambem dos estranhos foi appreciado: a côte de França o distinguiu com a cruz da Legião de Honra.

Sempre fiel a seus principios, não hesitou em se declarar pela causa legítima d'el-Rei D. Pedro IV, e da Carta Constitucional, que do coração abraçou e com sua espada defendeu, e pela qual em voluntario exílio tinha de dar a vida, longe dos seus, em terra estranha, e so consolado d'aquelle nobre consolação das almas grandes—*a consciencia da propria virtude!*

Ja tocado da fatal molestia que tam precoce o levou, o Barão de Sabrozo foi, apezar d'isso, um dos primeiros a correr ás armas contra os rebeldes que no Alemtejo e Algarve alevantaram nos fins de 1826 o grito da rebellião contra o Soberano e contra as instituições da sua patria. N'esta primeira marcha e sob o General conde de Saldanha, commandou uma brigada de cavalleria (composta dos regimentos Nº. 1, 4 e 7.) Seus padecimentos augmentaram; mas tambem augmentaram as fôrças d'aquelle alma que nenhuma agonia do corpo jamais pôde subjugar. Marchou o general Conde de Villa-Flor contra os rebeldes que de novo agitavam o paiz; e com elle marchou o Barão de Sabrozo commandando a brigada de cavalleria composta dos regimentos Nº. 1 e 4, cujos serviços, para glória dos leaes e castigo dos rebeldes, assás conhecidos são de todos.

Estava a patria livre de seus inimigos; e quando todo o socêgo de espirito lhe era necessario para restaurar sua combalida saude, eis-ahi o indigno principe com que a Providencia nos castigou

em sua íra, que tudo vem destruir e subverter em Portugal. Não houve seduções nem promessas que o partido rebelde, agora completamente senhor do governo, não empregasse para chamar a suas fileiras o Barão de Sabrozo, cuja capacidade, valor e talentos militares todos sabiam avaliar, e muitos á sua custa tinham conhecido. Mas quanto se enganavam ! Nem as lisongeiras promessas do Podér, nem sua decadente saude, nem os doces vínculos da patria o fizeram hesitar um momento na escolha. Preferiu o exílio e as privações, e a quasi certa morte que a inclemencia das regiões do norte e a afficções moraes do seu espirito não podiam deixar de lhe pintar em mui proximo futuro.

Breve porém lhe exigiu a Lealdade e o patriotismo novos sacrifícios. Preparou-se em Plymouth a infeliz expedição que a 6 de Janeiro de 1829 d'allí foi demandar a ilha Terceira. A pezar dos rogos e conselhos de amigos e parentes, o Barão de Sabrozo obedeceu resignado á voz que o mandava embarcar; nem pensou quanto encurtava os seus dias, uma vez que esses dias fossem consagrados ao serviço do Rei e da Patria.

Escapou com vida ao canhão dos *nossos aliados*; mas se o não feriu a metralha ingleza, moralmente o feriram os incommodos do mar e as angústias de espirito, com que sua existencia começou a tornar-se visivelmente precaria. Todavia chegado a Brest, lhe foi incumbido o commando de um dos depositos portuguezes que em França se fermaram ; (o de Laval) onde o trabalho a que era obrigado em desempenho do seu cargo, e a aspereza do hinverno d'aquelle anno, e em tam frigido paiz, acabaram de lhe arruinar a saude.

Assim continuou empeiorando a mais e mais, até que, dissolvido o depósito de Laval, lhe foi permitido transportar-se a Paris, a ver se a mudança de ar e clima, ou a superioridade da arte podiam ainda atalhar os progressos do mal. Mar ja era tarde ! Empeñhou-se a medicina com seus mais delicados esmeros, a amizade com seus mais estremecidos cuidados, o amor fraternal com tudo quanto a mais solicita vigilancia, os mais generosos sacrifícios podiam fazer; mas estava na mão da morte, e nada o podia salvar.

Seus dignos irmãos Simão Infante de Sacerda, e Francisco Infante de Lacerda, um vigiando ao pé de seu leito de dores, outro trabalhando dia noite por lhe procurar os meios necessários para seu dispendioso tratamento, e sacrificando-se ambos a todas as privações para que nada faltasse a seu querido irmão, deram um exemplo insigne e memorável de piedade fraterna, que n'estes nossos dias de immoralidade e egoísmo, mereceu a admiração de quantos os conhecem, e aumentou a estima e respeito dos que se desvanecem com o título de seus amigos. Entre estes é digno de que publicamente se louve e faça conhecida a generosa e officiosa amizade de S. Eva, o Sr. D. Thomaz de Mascarenhas, camarista de S. M. F. a cujos esforços, quasi únicos, deveram os afflictos irmãos os meios necessários para acudirem a seu infeliz doente. A Regencia houve por bem aprovar tudo quanto o Sr. D. Thomaz de Mascaranhas fez a este a respeito.

Não estava porém, repito, em nenhum esforço humano obstar á inexorável enfermidade que o consummia. A caprichosa fortuna, como que para insultar a seu misero estado, quiz que então começassem a raiar mais distintas as esperanças de voltar á patria, e de a ver salva, quando as da vida se encobriam mais e quasi desappareciam deante dos olhos do enfermo. Os hymnos da victoria de Paris foram ja nos seus ouvidos como um echo de sepulcro, que mal se ouve e longe dura !.... Em fin o instante fatal approxima. Ja do coração dos amigos, do inconsolável irmão, fugira a deradeira luz de esperança. É preciso annunciar-lhe a vizinhança da morte. O enfermo ouve tranquillo a sentença; e voltando-se todo para a última e so consolação de todos os humanos padecimentos, invocou a Religião do seu Deus, e se encostou resignado no seio de todas as misericordias e de todas as esperanças. Satisfeitos com piedade todos os deveres de christão, cumpridas com escrupuloso cuidado todas as obrigações de homem de bem, recomendando e especificando seus menores credores, esperou sosegado a morte com a mesma serenidade com que tantas vezes a desafiara no campo.

Rodeado de seus afflictos amigos, mais afflictos que elle, deu em-

fim o último suspiro no dia 22 de Septembro do corrente anno de 1830.

Seu funeral foi honrado com a presença dos mais illustres compatriotas que em París se achavam, de muitos distinctos Francezes, e com as lagrymas de quasi todos. Foi sepultado no cemiterio do Pere la Chaise. Assistiram á dolorosa ceremonia, entre outros, o Marquez de Loulé, os Condes de Villa Real, de Saldanha, de Calhariz, e o Coronel Pizarro, que sôbre sua sepultura pronunciou (conforme o uso de França) um discurso em Portuguez, e Mr. Breton, secretario do almirante Roussin, outro em Francez.

Assim desappareceu d'entre os seus compatriotas um dos mais illustres emigrados que se votaram pela causa sagrada da Rainha e da Carta. O exército portuguez perdeu um de seus mais habeis officiaes, o estado um de seus melhores subditos, a nação um de seus mais nobres filhos——mas quem avaliará, quem dirá a perda de seus afflictos paes, de seus inconsolaveis irmãos!

J.-B. S. L. A. G.

H.G.
24028

Impresso por R. GREENLAW, 39, Chichester Place, King's Cross.

